

Alice Vieira

O Mundo de ENID BLYTON



Texto

ÍNDICE

À MANEIRA DE PREFÁCIO	7
1. NO RASTO DE ENID BLYTON	13
2. ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO	23
3. À PROCURA DE UM RUMO	33
4. O PRIMEIRO CASAMENTO	41
5. DA CIDADE PARA O CAMPO	49
6. A MAGIA DE ELFIN COTTAGE	55
7. DIFICULDADES, VIAGENS E FILHOS	63
8. CADA VEZ MAIS DISTANTE DA VIDA REAL	73
9. UMA MÃE AUSENTE	83
10. O SEGUNDO CASAMENTO	93
11. MUITAS HISTÓRIAS	103
12. A MÁQUINA SOBRE OS JOELHOS E OS FAMOUS FIVE	117
13. A RELIGIÃO	131
14. INSPIRADA NA REALIDADE	141
15. NASCIMENTO E ASCENSÃO DO NODI	153
16. FRAGILIDADE E CRÍTICAS	165
17. UMA FESTA COM FINAL INFELIZ	177
18. A HISTÓRIA CONTINUA...	183
À MANEIRA DE POSFÁCIO	191
ENID BLYTON – DE 1942 A 1963	197

1

NO RASTO DE ENID BLYTON

Chegam em grupos, aos pares, sozinhos, muito raramente acompanhados de filhos ou netos. Pertencem à Enid Blyton Society e conhecem-se quase todos porque, desde 1995, vêm todos os anos, de longe e de perto, de diversos pontos do Reino Unido e de vários países europeus, para se encontrarem ali, à sombra protetora da Old Thatch, a casa e o jardim perto do Tamisa, em Bourne End, no condado de Buckinghamshire, onde Enid Blyton viveu entre 1929 e 1938.

Vestígios de Enid, em Inglaterra, são raros. Ou porque as casas foram bombardeadas – como aconteceu com o prédio onde nasceu, mas que, no entanto, é o único a ter uma pequena placa redonda com a lacónica inscrição «Enid Blyton (1897/1968), popular escritora de mais de 600 livros para crianças» –, ou porque problemas com o fisco as levaram a leilão, ou ainda porque, pura e simplesmente, as pessoas já nem se lembram e, na fúria imobiliária, o camartelo leva tudo à frente e novas urbanizações surgem, sem aviso nem memória.

Esta é a única das suas casas que ainda existe, e apenas graças ao esforço de Jackie e David Hawthorne, que há anos a compraram e que, de uma quase ruína, a transformaram numa atração turística, abrindo-a ao público às sextas e sábados, de maio a agosto.

São ambos jardineiros profissionais e, muito mais do que os cerca de 90 livros que Enid ali escreveu, o que realmente os motiva é a manutenção dos jardins da casa. De resto, segundo dizem, a maior parte dos visitantes nem sabe que ela ali morou. Na boa tradição inglesa, vão ali para admirar os roseirais, as sebes, os canteiros.¹

Ao que parece, no tempo de Enid, o jardim era diferente, muito mais vazio, com muito mais relva, a casinha de brincar de Gillian, dois campos de ténis, uma ponte sobre um ribeiro que corria a meio – mas tudo isso estava completamente destruído quando David Hawthorne o comprou.

E por aquele lugar terá corrido *Bobs*, o famoso cão que Enid iria transformar em personagem principal dos seus primeiros escritos – e que estará enterrado algures no jardim.

Hoje são proibidos cães nos jardins da Old Thatch.

Na casa não se entra. Vê-se de fora, baixinha e com o seu típico telhado de colmo, e imagina-se como será por dentro. O público paga bilhete para visitar os jardins – que se dividem em cinco partes: o Roseiral, a Alameda da Alfazema, o Jardim da Água, o Jardim da Vivenda e o Jardim Antigo – e tem apenas acesso a uma sala com esplanada, onde pode comprar postais, beber café e saborear tartes caseiras de ruibarbo e gengibre.

¹ Os jardins da Old Thatch receberam, em 2002, uma estrela atribuída pelo *Good Gardens Guide* e são referidos no *Most Amazing Gardens in Britain and Ireland*.

É perto dali, em Twyford, que a Enid Blyton Society anualmente se reúne.

Formada em 1995, por Tommy Summerfield e Norman Wright, a Sociedade tem um *site* (www.enidblytonsociety.co.uk), onde divulga a obra de Enid e responde a todas as perguntas; publica uma revista três vezes por ano – a *Enid Blyton Society Journal* – com artigos, histórias da sua vida, alguns textos menos conhecidos, experiências feitas com os seus livros nas escolas, noticiário, respostas às muitas perguntas que recebem de leitores, admiradores, etc.; e organiza estes encontros na primavera, já lá vão 17 anos.

Os sócios conversam entre si como se fossem todos membros de uma grande família que todos os anos ali se reunisse para recordar uma avó ou bisavó que lhes tivesse marcado a vida. Nunca estabeleceram propriamente um «Dia da Enid Blyton» no calendário. Em cada ano vão marcando o próximo, sempre a calhar entre maio e junho.

Esta é, no fundo, a grande reunião anual de admiradores e de colecionadores de tudo o que lhe diga respeito.

O Lodden Hall enche-se de diversas bancas de venda de recordações: edições antigas ou raras de livros seus, livros de algum modo relacionados com ela (sobretudo sobre animais ou plantas), jogos, autógrafos, *puzzles*, fotocópias de cartas que ela mandava em resposta aos seus leitores, postais de Natal, fotografias, Nodis de todas as maneiras e feitios, cassetes ou vídeos dos filmes e das séries, programas dos espetáculos de teatro, números avulsos da *Enid Blyton Society Journal*. E há sempre uma exposição de fotografias, manuscritos, cadernos de notas, cartas, documentos (com especial relevo para o passaporte – muito pouco usado – e que ela assina com o nome de casada, Enid Waters).

O encontro anual inclui sempre lanche – ou não fosse Blyton a autora que mais o popularizou entre as crianças.

Não há temas estabelecidos, mas há sempre convidados que vão falar: autores de artigos em jornais ou revistas, ilustradores, celebridades como os atores das séries (Marcus Harris e Gary Russel, que reencarnaram, respetivamente, as personagens de Júlio e David de *Os Cinco*, são presença recorrente, assim como Julie Davis, a «ciganita»), ou simplesmente quem esteve por detrás dos bonecos dos filmes de animação, como Susan Sheridan, a voz do Nodi, ou ainda alguém que conheceu alguém que conheceu Enid.

De qualquer modo, nunca ali se discute a qualidade literária da sua obra. Pertencem todos ao mesmo clã, que tenta prolongar a ideia de uma Inglaterra rural e idílica, onde a tecnologia ainda não chegou e um ambiente vitoriano se insinua ainda pelas famílias, com crianças felizes atravessando o país em frágeis bicicletas, alimentando-se de sandes, conservas e biscoitos, bebendo litros e litros de cerveja de gengibre, tendo como única segurança um animal de estimação (cão, gato, macaco, catatua, etc.).

Para isso, de pouco valem elucubrações mais ou menos literárias: ali é do paraíso que se fala. E o paraíso não se discute.

A visita aos jardins da Old Thatch não pode faltar.

Há quem diga que é uma casa assombrada.

Não por ter sido a morada de Enid Blyton, mas porque, segundo reza a história local, ali viveu Dick Turpin, um lendário salteador de estradas e ladrão de cavalos inglês do século XVIII. Há quem afirme que a sala onde hoje se bebe café e se comem bolos era, nesses tempos, o estábulo onde ele guardava os cavalos, e quem jure que,

em determinadas luas, se consegue mesmo ouvir o relinchar de *Black Bess*, o cavalo em que, segundo a lenda, ele terá feito 300 km numa só noite.

De qualquer modo, Enid (que, nos seus primeiros livros até abordou o folclore tradicional de vários países) era indiferente ao folclore local, e este herói, que as baladas, o cinema, o teatro e a televisão imortalizaram, não deixa rasto em nenhuma das suas obras. As filhas lembram-se de lhe ouvir dizer uma vez que a casa onde moravam teria sido uma estalagem frequentada por Dick Turpin – e pouco mais.

Durante os primeiros encontros, tanto Barbara Stoney, a biógrafa, como as duas filhas nunca faltavam: eram o que restava da família de Enid.

Nem o sobrinho Carey Blyton, compositor de sucesso, falecido em 2002, nem Rosemary Pollock, filha do primeiro marido de Enid, e também romancista, alguma vez se lembraram de aparecer.

Compreende-se: o primeiro certamente não perdoou o abandono a que Enid votou a família; a segunda estaria deslocada entre gente que se reúne para exaltar a mulher que antecedeu a sua mãe na vida de seu pai e que só lhes terá deixado más recordações.

Mas a relação entre as duas filhas de Enid também nunca foi pacífica e, com o andar dos tempos, tornou-se praticamente inexistente. (Aquando da morte de Enid, o jornal *The Telegraph* recorda uma entrevista feita com as duas irmãs, «mas em separado, porque era impossível tê-las juntas».)

Gillian foi uma filha muito desejada, Imogen foi um acidente.

De resto, entre ambas Enid sofreu um aborto, que nunca ficou bem esclarecido se teria sido espontâneo ou provocado.

Gillian sempre afirmou que, na sua infância, a mãe ainda não trabalhava tanto e que, por isso, ainda lhe dava alguma atenção, convivendo com ela pelo menos durante uma hora todos os dias, ensinando-a a plantar flores nos canteiros do jardim e contando-lhe histórias, como recorda numa entrevista de 1975 à BBC:

«Lembro-me de ela me levar à tarde pelos campos, de me mostrar as plantas, as flores, os cordeirinhos, e de me ensinar o nome de tudo. Ela estava sempre, sempre a ensinar-me. Se não tivesse sido escritora, a minha mãe teria sido uma grande professora!»

Imogen já não vai conhecer nada disto. Quando nasce, ninguém tem tempo para ela. Vive na *nursery* e não guarda qualquer memória dos seus primeiros anos de infância.

«Só percebi que tinha mãe aos 5 anos», dirá muitas vezes.

E é natural que choquem: para Gillian, Enid foi «uma mãe muito afetuosa e sempre presente, uma companheira fascinante»; para Imogen, Enid foi «uma mulher arrogante, insegura, pretensiosa, e sem o mínimo vestígio de instinto maternal»².

Atualmente, com a morte de Gillian e de Barbara Stoney, o trio está reduzido a Imogen, de 78 anos, que raramente falta. No encontro de 2009, a surpresa maior foi a presença, pela primeira vez, de Sophie Smallwood, a neta.

Tímida, a esconder-se das luzes da ribalta, encontrava-se ali apenas por estar à frente da Enid Blyton Trustee

² Barbara Stoney, *Enid Blyton – The Biography*, Tempus Publishing, 2006.

e por ter sido convidada (e ter acedido ao convite) a publicar um livro sobre os 60 anos do Nodi.

Evita falar do parentesco que a une a Enid, que, de resto, já tinha morrido há dois anos quando ela nasceu: «Era uma personagem que pertencia ao público. Era grande demais e famosa demais para ser só avó. Para mim, sempre foi mais um nome do que uma pessoa. Foi sempre assim que a vi, enquanto fui crescendo.»³

E aproveita para afirmar que se sente muito orgulhosa pelo facto de a sua mãe ter tido a coragem de escrever, em 1989, um livro de memórias – *A Childhood at Green Hedges*⁴ – em que desfaz o mito da imagem idílica da família Blyton.

Mas, apesar dos sorrisos e da alegria dos participantes, o futuro da Sociedade é incerto e está longe, por exemplo, do brilhantismo de 1997, quando as comemorações do centenário do nascimento de Enid se fizeram sentir por todo o país, culminando com uma receção no Victoria & Albert Museum, onde, entre outras novidades, se anunciou a criação de um prémio – o Enid Blyton Award for Lifetime Contribution to Children's Culture, Welfare or Education – com periodicidade anual.⁵

Inexplicavelmente, até aos dias de hoje, o prémio foi atribuído uma única vez, nesse mesmo ano, à própria Enid Blyton.

Postumamente.

Depois caiu no esquecimento.

³ Entrevista a Emma Cook, *The Guardian*, 14 de novembro de 2009.

⁴ Imogen Smallwood, *A Childhood at Green Hedges*, Methuen, 1989.

⁵ Portugal também não esqueceu a data, e a Biblioteca Nacional organizou uma exposição sobre a sua obra e a sua repercussão no nosso país, publicando um catálogo com depoimentos de antigos e atuais leitores de EB.

Em 2011 o encontro não se realizou, mas 2012 conseguiu fazer a Sociedade regressar ao bom caminho.

No entanto, dizem os seus responsáveis que cada vez há mais dificuldade em encontrar convidados para fazerem as conferências, e menos pessoas a aderirem à Sociedade. Também a «guerra editorial» que durante muito tempo se verificou, com a Editora Chorion a pôr à venda os direitos de toda a sua obra (adquirida agora pela Hachette UK), não ajudou a um clima de tranquilidade que se requer em acontecimentos como este.

E já há comerciantes da zona que recordam anos anteriores e dizem que o negócio agora é uma pálida ideia do que já foi.

De qualquer maneira, a comemoração dos 60 anos do *Nodi*, e os 70 anos da publicação do primeiro livro de *Os Cinco*, em outubro de 2012, com uma grande exposição, voltaram a reavivar o culto.

Quem sabe até se não se reaviva também o prémio.

AS TIME GOES BY

Quem foi, para mim, Enid Blyton?

ENSINARAM-ME A PROCURAR MISTÉRIOS

O primeiro livro a sério que me lembro de ter lido foi o volume inicial de *As Gémeas em Santa Clara*. Seguiram-se os outros volumes, a série de *O Colégio das Quatro Torres*, *Os Cinco*, *Os Sete* e a coleção *Mistério*, protagonizada pelo admirável Gordo e os seus extraordinários disfarces, sempre às turras com o *Arreda*. Não consigo contabilizar quantas vezes terei lido todos estes livros. Em minha casa, não era permitida leitura «recreativa» durante o tempo de aulas e, por isso, nas férias grandes, que na altura duravam literalmente uma vida inteira, o ritual consistia em repetir, todos os anos, a leitura de todos os volumes das coleções de Enid Blyton.

A vida nos colégios sempre exerceu em mim um enorme fascínio. Sonhava jogar lacrosse e fazer chá às alunas mais velhas, organizar ceias noturnas e organizar pantomimas nas festas escolares. Mas foram os Cinco e as suas aventuras que me marcaram para sempre. Além de me abrirem o apetite para comidas insólitas e desconhecidas, ensinaram-me a procurar mistérios e perigos atrás de cada painel oco de madeira, de cada casa desabitada, de cada toca de animal encoberta na vegetação. Lembro-me de ter escrito também as minhas aventuras, à falta de túneis secretos em casa dos meus avós ou de ilhas onde se escondiam contrabandistas em frente à praia da Costa Nova.

Nunca mais reli os livros que, meio desfeitos, em fascículos, porque as edições eram coladas e não cosidas, continuam na biblioteca e já passaram, entretanto, por outras mãos, nomeadamente

as do meu filho. Mas, ainda hoje, gosto de imaginar que atrás do roupeiro de cada quarto há uma passagem secreta que conduz diretamente a uma clareira na floresta e sou incapaz de ouvir a palavra «scone» sem saborear, com nostalgia, uma doce memória a que um bolo seco e insípido nunca fará justiça.

Ana Margarida Ramos,
40 anos, Professora universitária

NÃO SERIA HOJE A PESSOA QUE SOU

A minha infância/juventude não teria sido a mesma sem *Os Cinco*, *Os Sete*, *As Gémeas*...

Com dois canais de televisão, um país ainda subdesenvolvido e muito tempo para gastar, sem estes livros – e o que eles estimulavam a imaginação! – acredito que não seria hoje a pessoa que sou.

Acompanharmos as aventuras, as emoções, os lanches, os encontros, as conversas, a partilha, a identificação de jovens perfeitamente normais, fez o que toda uma geração é.

Mais do que (à altura) grandes mistérios, era termos outros amigos mesmo ali ao folhear dos livros, lidos vezes sem conta. Devorados à tarde ou à noite, foram grandes momentos de vivência nos universos paralelos que todos os jovens criam, foram exemplos a ser seguidos.

Não houve brincadeiras que não copiassem *Os Cinco* ou *Os Sete*!

José de Noronha Brandão,
37 anos, Relações públicas